



**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS I**

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA

SÉRGIO DOS ANJOS ARAÚJO

CAMPINA GRANDE – PB

2013

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA

SÉRGIO DOS ANJOS ARAÚJO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento as exigências para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria Goretti da Cunha Lisboa

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A663e Araújo, Sérgio dos Anjos.
Estágio Supervisionado [manuscrito] : uma
experiência vivida / Sérgio dos Anjos Araújo. – 2013.
35 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Educação Física) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.

“Orientação: Profa. Dra. Maria Goretti da Cunha
Lisboa, Departamento de Educação Física”.

1. Educação Física Escolar. 2. Estágio
Supervisionado. 3. Atividade física. I. Título.

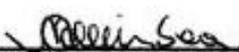
21. ed. CDD 372.86

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA

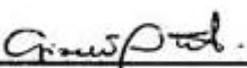
SÉRGIO DOS ANJOS ARAÚJO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento as exigências para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

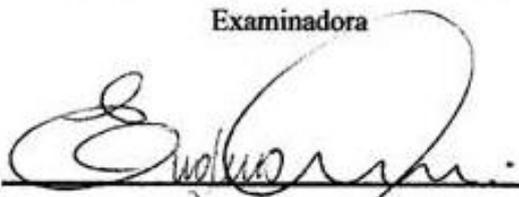
Aprovado em 29 / 08 / 2013.



Profa. Dr^a. Maria Goretti da Cunha Lisboa / UEPB
Orientadora



Profa. Dr^a. Gisely Félix Coutinho / UEPB
Examinadora



Prof. José Engênio Eloi Moura / UEPB
Examinador

RESUMO

O objetivo deste trabalho é de discutir sobre a vivência no Estágio Supervisionado em Educação Física, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, situada no bairro de Bodocongó, da cidade de Campina Grande/PB, nas modalidades de ensino fundamental II e médio, considerando os aspectos relacionados ao cotidiano e planejamento escolar. Desta forma, ressaltando experiências vivenciadas em docência durante o período de execução do Estágio Supervisionado I e II, do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, onde foi possível na graduação, ter a oportunidade de vivenciar o prazer da descoberta, bem como ter o contato direto com a real situação no campo de trabalho, e suas dificuldades. Entende-se que a prática do Estágio Supervisionado em Educação Física pode ser executada nas escolas públicas de nível fundamental e médio, porém, levando-se em conta que as mesmas devam estar devidamente vinculadas às instituições de ensino superior, e que no Estágio conste exclusivamente o objetivo de preparar o mais adequadamente possível seus futuros profissionais. Dentro dos pressupostos vivenciados, constata-se que os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, situada no bairro de Bodocongó, já encontram-se desestimulados das práticas de atividades físicas, e que é necessário ao professor ser mais criativo e ousado no tratante as modalidades utilizadas, investindo em novas formas de estimular a atenção dos alunos voluntariamente as aulas de Educação Física, não se prendendo apenas a conteúdos futebolísticos, Abrindo os horizontes de seus alunos de forma crítica e enriquecedora.

Palavras-chave: Escola, Estágio Supervisionado, Educação Física.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
2.1. A FORMAÇÃO PROFISSIONAL	08
2.2. O ESTÁGIO E SUA IMPORTÂNCIA	09
2.3. DOS CONTEÚDOS	11
2.3.1. OS JOGOS RECREATIVOS	13
2.3.2. OS ESPORTES	14
2.3.3. A DANÇA	15
3. A EXPERIENCIA VIVIDA	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5. REFERÊNCIAS.	25

1. INTRODUÇÃO

Quando jovens ingressam no mundo acadêmico nas unidades de ensino superior, se deparam com várias possibilidades, as quais o levam a vivenciar experiências únicas que estes irão adicionar em sua formação, não somente durante a vida profissional, mas também para construção de valores sociais. Muitas dessas experiências profissionais têm início durante o processo vivenciado nos Estágios Supervisionados, oferecidos nos cursos de Licenciatura nas instituições de ensino superior, onde o discente tem a oportunidade de assimilar conhecimentos e processá-lo de forma coerente dentro da realidade socioeconômica que vive. Significa dizer que, estes jovens terão a oportunidade de apreender os conhecimentos, aprimorando-os para posteriormente repassá-los já dentro de sua vida profissional.

Para Pimenta (1995, p.63), “o conhecimento não se adquire ‘olhando’, ‘contemplando’, ‘ficando ali diante do objeto’; exige que instrumentalize o olhar com teorias, estudos, olhares de outros sobre o objeto-fenômeno universal”. A autora sugere uma ação, um momento aplicativo dessa ação, onde, não basta ter apenas o conhecimento teorizado, tem que haver também o momento das ações, de execução prática, o atitudinal, a atuação do que se tem como embasamento teórico, ou seja, no contexto, esse momento de ação é aquele vivenciado nos Estágios Supervisionados.

Segundo Pimenta (1995), o Estágio Supervisionado é um componente do currículo que não se configura como uma disciplina, mais como uma atividade. Essa afirmação retoma a ideia de que o graduando precisa vivenciar as práticas adquiridas no curso, e colocá-las em desenvolvimento, pois sem essa vivência, ou atividade nas práticas pedagógicas, pode-se dizer que o processo de aprendizado não é de total valia, deste modo, todo o contexto ensino-aprendizado passa a ser um projeto inacabado, “o Estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas” (PIMENTA e LIMA, 2005/2006, p.06).

Observa-se que a prática educativa esta relacionada com a realidade social de determinada localidade em que se insere. Deste modo, pode ser acrescida certa cautela por parte do supervisor/orientador, mantendo uma visão diagnóstica no que se refere à preocupação com o que o graduando vai inserir a este meio, para que fins, e com quais instrumentos ele irá chegar a seus objetivos, qual a melhor forma de solucionar os problemas existentes, e quais ações sociais a serem desenvolvidas.

Tais observações são teorizadas e efetuadas durante o período de construção de conhecimento vivenciados pelo discente, nas fases do Estágio Supervisionado. Neste período de preparação é possível vivenciar a realidade educacional que temos, e é neste momento que jovens graduandos passam a experimentar uma das etapas de fundamental importância dentro do curso, que para este caso, de Educação Física, apresentou-se como Estágio Supervisionado I e II. Estas etapas têm sido muito discutido e questionado no mundo acadêmico, tanto por docentes quanto por discentes, no que se refere a sua importância para a formação acadêmica e profissional desses jovens, em qualquer que seja a área de atuação. Porém, a prática do Estágio Supervisionado é indispensável e obrigatória para o término da graduação.

Para este trabalho faremos um breve esclarecimento a respeito das cargas horárias dos Estágios Supervisionados presentes no Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual Paraíba. Sendo necessário expor, que para os alunos com matrícula no ano letivo de 2006.2 o PPP em vigor datava do ano de 1999, o qual foi substituído no ano de 2008, por um PPP atualizado e reformulado datado do ano de 2007. Conseqüentemente, os alunos migrados para este currículo passariam então a cumprir uma carga horária de 200hs para cada Estágio Supervisionado, assim, descritos como Estágio Supervisionado I, que constava na grade curricular do 3º ano letivo de curso, e Estágio Supervisionado II que constava na grade curricular do 4º ano letivo. Totalizando 400hs de obrigatoriedade nos Estágios Supervisionados. E não mais com 198hs como descrito no PPP de 1999, distribuído da seguinte forma, no 3º ano letivo de curso contaria 66hs de Prática Pedagógica em Educação Física III, hoje denominado de Estágio Supervisionado I, e no 4º ano letivo de curso com 132hs de Prática Pedagógica em Educação Física IV, hoje denominada de Estágio Supervisionado II.

Considerando tal carga horária, os Estágios Supervisionados do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Estadual Paraíba passaria a exercer suas funções seguindo o PPP do ano de 2007, no qual constariam as seguintes ementas; para o Estágio Supervisionado I com: Intervenção Pedagógica no campo de ensino formal, considerando os aspectos históricos, filosóficos, políticos e psico - físico – social. E para o Estágio Supervisionado II com: Intervenção Pedagógica no campo de ensino não formal, considerando os aspectos históricos, filosóficos, políticos e psico – físico – social.

Desta forma, ressaltaremos experiências vivenciadas em docência durante o período de execução do Estágio Supervisionado I e II, do curso de Licenciatura Plena em Educação

Física da Universidade Estadual da Paraíba, onde o mesmo possibilitou fazer com que outros tenham a oportunidade de adentrar no vasto mundo do conhecimento, ou seja, a possibilidade de repassar os conhecimentos por mim adquiridos e produzidos, e com imensurável satisfação é que me pôs a aprender e prepara-me adequadamente e o mais profissionalmente possível. Onde foi possível na graduação, ter a oportunidade de vivenciar o prazer da descoberta, bem como ter o contato direto com a real situação no campo de trabalho, e suas dificuldades. E assim, tentar com ações práticas e objetivas moldar esta realidade.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é de discutir sobre a vivência no Estágio Supervisionado em Educação Física, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, situada no bairro de Bodocongó, da cidade de Campina Grande/PB, nas modalidades de ensino fundamental II e médio, considerando os aspectos relacionados ao cotidiano e planejamento escolar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

No período de preparação acadêmica, que resulta na formação do profissional em Educação Física, o futuro profissional se depara com diversas etapas na construção do conhecimento, as quais são embasadas em conhecimentos técnico-científico, didático-pedagógicos e ético-profissional, que servirá de base para a inserção no mercado de trabalho. Tais valores devem ser associados ao desenvolvimento da prática pedagógica, de forma tal que contribua para uma melhor atuação das ações profissionais de um Educador Físico, seja no âmbito esportivo quanto no escolar. Para isso é necessário que haja por meio do curso de licenciatura em Educação Física, uma execução e aplicação dos conhecimentos durante a prática dos Estágios Supervisionados destacado um importante aspecto, o de “preparação profissional”. O qual tem tido atualmente uma abordagem científica, com abrangência dos conhecimentos da área, não só referente aos temas esportivos como também nos temas de âmbito escolar.

O artigo 43º, da Lei N°9.394, de 20 de Dezembro de 1996, que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional; in verbis:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Para Darido (1995, p.124) “a formação profissional em Educação Física voltou-se da prática das modalidades esportivas para teoria. Na verdade, o que houve foi uma valorização do conhecimento científico derivado das ciências mãe como base para as tomadas de decisão do profissional”. Uma observação feita a mais de quarenta anos, vigora a importância desta nova perspectiva no âmbito científico vinculado aos valores pedagógicos da Educação Física

nos dias atuais, porém com um caráter não apenas científico mais principalmente escolar. Assim,

a evolução do conceito de Educação Física e a posição desta "prática educativa" nos currículos das escolas modernas tornaram ultrapassada a velha tese de que o professor de Educação Física deve ser primordialmente um excelente executante, dando assim mais importância ao domínio das habilidades físicas. Atualmente, dá-se mais importância à sua formação didático-pedagógica, tornando-se, portanto, mais necessário preparar o professor para que melhor possa compreender o educando, de forma a lidar melhor com seus discípulos (individualmente ou em grupo), e para que busque a formação integral do aluno e não apenas aspectos de seu desenvolvimento, como o físico, por exemplo (FARIAS JR., 1969, p. 49).

Nessa abordagem um profissional de Educação Física deve no mínimo ser dotado de satisfatória formação acadêmica, não se deixando limitar-se a uma graduação. Ele deve manter uma preocupação com as novas descobertas científicas, os novos estudos, as novas linhas de pesquisas para estar sempre embasado cientificamente e, assim, ter subsídios para sua atuação profissional.

O autêntico professor de Educação Física é necessariamente um estudioso, leitor assíduo, ávido de novos conhecimentos, com entusiasmo pelos mais recentes progressos de cultura, da ciência e das artes, jamais se limitando aos estreitos quadros da especialização de sua formação profissional (FARIAS JR., 1969, p. 47).

2.2. O ESTÁGIO E SUA IMPORTÂNCIA

Segundo Pimenta e Lima (2006), o Estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria. Não é raro ouvir-se dos alunos que concluem seus cursos se referirem a estes como 'teóricos', que a profissão se aprende 'na prática', que certos professores e disciplinas são por demais 'teóricos'. Que 'na prática a teoria é outra'.

É comum encontrar jovens formados com esse tipo de pensamento, porém, deve ser observado que a realidade não condiz com a literatura, é de suma importância lembrar que os estágios são para servir de norteadores da realidade a que se depara o profissional, e não para servir de manual elaborado a ser seguido. É sabido que no mundo há possibilidades infindáveis a respeito das realidades sociais, e que estas realidades estão em constante mudança tanto no cultural quanto no social. O Estágio Supervisionado é para preparar um profissional, não para ditar como deve ou não ser executadas as ações pedagógicas utilizadas no processo de ensino-aprendizado, pois não se trata de um manual.

Segundo Barros (2003, p.29), “o Estágio Curricular Supervisionado constitui um processo de transição que procura ligar as lógicas da educação profissional e do trabalho profissional, e que proporciona ao estudante a oportunidade de demonstrar conhecimentos e habilidades adquiridas e, também à adaptação ao campo de trabalho sobre a formação do docente e de um profissional devidamente credenciado da área”.

De acordo com o Artigo da **LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008**, que se refere ao Estágio Supervisionado, afirma que; *inverbis*:

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

A definição do Estágio Supervisionado é clara no que se refere a sua função nas entidades e unidades de ensino superior, quando afirma que o mesmo se desenvolve nos ambientes de trabalho, entende-se que a prática do Estágio Supervisionado em Educação Física pode ser executada nas escolas públicas de nível fundamental e médio, porém, levando-se em conta que as mesmas devam estar devidamente vinculadas às instituições de ensino superior, e que no Estágio conste exclusivamente o objetivo de preparar o mais adequadamente possível seus futuros profissionais.

Isso não quer dizer que a atividade em questão seja um item isolado na formação, ou que independa dos saberes pedagógico. É sim, um complemento indispensável e insolúvel na preparação de jovens graduandos em Educação Física, tanto em âmbito acadêmico quanto no profissional.

Para Ramos (2002), as atividades de Estágio não devem ser vistas como momentos de execução, passando, ao longo de todo o curso de graduação, a um sistema de ação concreta através do qual os alunos estagiários possam organizar seus sistemas de relações com o auxílio dos profissionais da Universidade e das instituições cedentes de Estágios para poderem analisar, propor e, quem sabe quando lá estiverem, resolver problemas concretos colocados pelo dia-a-dia da ação profissional em Educação Física, considerando os saberes produzidos/reproduzidos no cotidiano profissional.

Neste sentido o Estágio Supervisionado direciona o aluno para vivenciar toda a teoria estudada ao longo do curso de Educação Física, através da prática do estudo e da análise de todo o contexto teórico dos conhecimentos técnicos e detalhados do tema em que o aluno irá desenvolver as atividades intrínsecas aos Estágios Supervisionados. Fazendo com que se entenda a importância do mesmo na formação do professor, e mostrar o papel fundamental do professor-supervisor nas atividades de Estágios e seu subsídio para o desenvolvimento e crescimento das ações teórico-práticas do estudante Estagiário, destacando sua responsabilidade em orientar os alunos ligando-os a uma possível realidade profissional. “A visão da totalidade do aluno se constrói à medida que ele faz uma síntese, no seu pensamento, da contribuição das diferentes ciências para a explicação da realidade” (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p.30).

Este pensamento traduz bem o que deve ser feito em relação ao período de ensino nas escolas de ensino fundamental e médio, porém se formos mais além, o mesmo pode ser aplicado perfeitamente no ensino superior, mais especificamente no período referente aos Estágios Supervisionados, seja em qualquer área de atuação a que pertença.

É notória a necessidade da vivência do graduando no Estágio Supervisionado nas instituições de ensino superior, pois é neste momento de experiências curriculares onde o aluno tem a oportunidade de vivenciar as práticas educacionais que o levará a uma maior segurança em tornar-se um professor. Assim, o mesmo tem que cumprir com as atividades para que lhe seja possível o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas vivenciadas e apreendidas durante sua graduação, e com isso ter um maior rendimento dentro de cada especificidade referente ao curso, ao qual esta se preparando profissionalmente.

2.3. DOS CONTEÚDOS

Quando o graduando se encontra em meio das atividades acadêmicas, direcionadas aos períodos dos Estágios Supervisionados, independentemente da área de atuação tenha escolhido, há uma primeira ação pedagógica a ser realizada, que não só pode como também deve ser aplicada em qualquer que seja a área de atuação selecionada pelo graduando, momento que sem dúvida é fundamental para o andamento de seu trabalho.

Esta ação peculiar trata-se do planejamento, que para este caso em específico, será tratado como o planejamento escolar. Neste, é possível escolher os conteúdos de maior relevância em nível de inserção de conhecimento (que deve ser de modo gradativo), bem

como as melhores formas a serem ministrados aos docentes. Esse ato particular consta de embasamento com caráter científico, e de grande importância que se mantenha o respeito para com as fases do desenvolvimento motor humano.

Na visão do Coletivo de Autores (2009) uma nova compreensão da Educação Física implica considerar critérios pelos quais os conteúdos serão organizados e distribuídos dentro de tempo pedagogicamente necessário para a sua aplicação. Deste modo, toda ação pedagógica deve ser analisada com cuidado para que não seja aplicada erroneamente. Cada momento tem sua peculiaridade quanto à razão sociopolítica de cada localidade, tal fator pode e deve ser um agente de modificação da realidade do alunado, para isso é crucial que haja um estudo sobre a realidade a que esta inserida o aluno.

O professor de Educação Física, seja no ensino infantil, seja na escola de nível médio, ou de curso superior (onde ingressa hoje em dia um número cada vez maior de adolescentes), precisa conhecer o educando com a maior profundidade possível para oferecer um desempenho gradativamente melhor de suas funções (FARIAS JR., 1969, p. 28).

Assim, tendo em vista cada particularidade da realidade local, como estrutura física da instituição de ensino, nível de ensino dos docentes, e as situações adversas da localidade. Ainda podem-se considerar os preceitos sociais a qual estão vivendo, como suas dificuldades, dilemas, anseios, e perspectivas sobre o contexto sociopolítico. Há uma preocupação com que forma essa ambiente deva ocorrer dentro de uma orientação diferenciada favorável ao seu desenvolvimento físico e mental.

Para Farias Jr. (1969, p.39) “há nesta fase de crescimento um conjunto de transformações corporais e psíquicas, um intenso movimento hormonal e situações biológicas que obrigam o educador a ter maiores cuidados na indicação das atividades físicas.” Esta observação leva a crer que, para abordar determinados temas transversais, o professor deve ser embasado de fundamentos do desenvolvimento humano, e que associando as práticas pedagógicas adequadas, torna-se capaz de tratar das questões que envolvem jovens e adolescentes em fase de desenvolvimento motor. Sendo dispendiosamente possível promover atividades direcionadas ao mesmo, ainda torna-las agradáveis quanto às formas de aplicá-las.

Para isso basta tratar das ações pedagógicas planejando-as de forma que possa atender as necessidades locais do alunado. A elaboração de conteúdos a serem aplicados deve haver certo cuidado quanto a sua abrangência, no que diz respeito à formação dos conceitos de

cidadania, pois o objetivo do educador é fazer do educando um formador de opiniões, e acima de tudo forma cidadãos.

2.3.1. OS JOGOS RECREATIVOS

Quando falamos em jogos o que vem em primeiro momento são os grandes jogos da mídia nacional, as copas, as taças, e os inúmeros campeonatos futebolísticos da atualidade, isso porque habitamos a nação que é tida como “o País do futebol”. Porém, ainda é possível remete-se a ideia dos grandiosos eventos de origens míticas do velho mundo. Jogos que permeiam a história da humanidade como os da Grécia antiga, berço do que hoje é considerado o maior evento esportivo de todos os tempos, conhecidos como “jogos Olímpicos”. “Os Jogos Olímpicos da antiguidade representavam uma solenidade de tão elevada expressão que é difícil imaginar outro semelhante, em qualquer época ou qualquer outro lugar do mundo” (GODOY, 2001, p.56).

Todas são fabulosas recordações e ideias que surgem quando se fala em jogos. Porém, se pararmos para analisar o que representam os jogos, podemos perceber que é importante saber o significado de um jogo, a identificá-lo e diferenciá-lo do esporte, tal ação faz toda diferença quando se trata da esfera educacional. É sabido, pois, que para ter um jogo e torná-lo grande é necessário um momento de preparação pedagógica que o dará subsídios suficientes ao desenvolvimento de um aprendizado, calcado em uma formação séria e contínua de ações fragmentadas pedagogicamente. E assim obtêm-se uma construção rica e gradativa de elementos pedagógicos, que passará a ser aplicado a qualquer tipo de jogo, seja desportivo ou pré-desportivo.

Os jogos podem ter uma flexibilidade maior nas regulamentações, que são adaptadas em função das condições de espaço e material disponível, do número de participantes, entre outros. São exercidos com caráter competitivo, cooperativo ou recreativo em situações festivas, comemorativas, de confraternização ou ainda no cotidiano, como simples passa tempo (PCNs, 2001).

Numa esfera específica podemos explorar os jogos como agentes de inserção do conhecimento, utilizando-os dentro de um campo com maior abrangência política e socioeconômica da Educação Física agregando-os aos elementos lúdicos. Pois, a ludicidade por si só, traz a fundamental importância do “faz de conta”, criando uma realidade fictícia que

associada aos elementos reais torna mais fácil o entendimento e assimilação dos conceitos a ser transmitidos.

A junção de tais elementos é de grande valia e forte auxiliador na construção do saber, este somatório resulta na criação de possibilidades infinitas das experiências ligadas às práticas educativas, não apenas no esférico infantil, mais também em todas as esferas educacionais. Desta forma, o que deve ser levado em consideração é a importância dada ao lúdico associado aos jogos, pois esse dualismo proporciona uma realidade construtiva, capaz de transmitir o conhecimento, carregando-os nas entrelinhas, de forma divertida e estimulante para o alunado. Assim, os discentes passarão a aprender em um ambiente de lazer e sem que percebam, acabam assimilando o conhecimento proposto pelo professor, sobre toda a abrangente área de atuação da Educação Física.

2.3.2. OS ESPORTES

Na visão dos PCNs (2001) consideram-se esporte as práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e a profissional. Envolvendo condições espaciais e de equipamentos sofisticados como campos, piscinas, bicicletas, pistas, ringues, ginásios, entre outros. Apresentando outra particularidade diretamente ligada a um fator de relevância no que diz respeito à disseminação de qualquer que seja o esporte, que os jogos pré-desportivo-recreativos não dispõe. Os esportes são sempre notícia nos meios de comunicação e dentro da escola; portanto, podem fazer parte do conteúdo, principalmente nos dois primeiros ciclos, se for abordado sob o enfoque da apreciação e da discussão de aspectos técnicos, táticos e estéticos (PCNs, 2001).

Tal divulgação esportiva através da mídia pode atuar como uma aliada no campo do saber, atuando como estimulador dos interesses do aluno a praticar este ou aquele esporte, e descobrir a que modalidade esportiva tem maior afinidade, e até mesmo ajudar a definir quais profissionais eles poderão descobrir. Além do caráter competitivo (técnico/tático), o esporte carrega em si a valorosa responsabilidade de sociabilizar pessoas por meio da interação, independentemente da cor, do credo, do gênero ou de classe social, tal ação ajuda construir valores de cidadania ao alunado.

O esporte, como prática social que instrumentaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômenos que envolve

códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não “na” escola (COLETIVO DE AUTORES, 2009, pp.69 e 70).

Neste sentido, o esporte aborda uma ampla área de atuação dentro e fora das escolas, e nessa abordagem atua de forma direta na formação de cidadãos. Indivíduos pensantes capazes de discernir os valores do certo e do errado, e que por meio da Educação Física passam a descobrir meios e métodos de atuarem no mundo e nas mais variadas formas de integração.

O objetivo da Educação Física deve ser levar a criança a aprender a ser cidadão de um novo mundo, em que o coletivo não seja sobrepujado pelo individual; e que a ganância não supere a solidariedade; em que a compaixão não seja esmagada pela crueldade; em que a corrupção não seja referencia da vida; em que a liberdade seja um bem superior; em que a consciência crítica seja patrimônio de toda pessoa; em que a inteligência não seja reduzida a saber calcular e falar línguas estrangeiras. As técnicas ensinadas nas disciplinas de Educação Física, de português, de matemática ou de química podem ser importantes mais não passam de acessórios de uma formação maior, para a autonomia. A formação de um cidadão de um novo mundo só pode conseguida com a educação para a atitude autônoma; afinal, quando estivermos maduros, seremos o somatório das atitudes tomadas ao longo de nossas vidas (FREIRE e SCAGLIA, 2009, p.30).

Essa afirmação pode ser apoiada e alcançada com a vivência nos esportes, e é com base nessa proposta, que se adotou para este trabalho, as modalidades esportivas de handebol e Futsal como agentes transformadores no abrangente campo do saber, pois tanto o handebol quanto o futsal, considerados esportes coletivos de grande aceitação pelos escolares. São também importantes na formação motora e psicossociais do individuo/aluno, deste modo fica mais rápida e simples a inserção de valores de cidadania entrelaçados aos fundamentos técnicos e táticos dos mesmos, bem como os conhecimentos biofisilógicos do desenvolvimento humano.

2.3.3. A DANÇA

A questão da Dança no Brasil é um tema muito discutido pelos profissionais da área, tanto no contexto artístico quanto no biomecânico/motor/fisiológico, e principalmente no cultural, pois aborda questões sociais que, ainda não tem muita aceitação (ideias preconceituosas sobre o mundo da Dança). Estendendo-se também no referente às dificuldades existentes a sua utilização nas escolas como instrumento educacional, mesmo se tendo conhecimento de grande abrangência artístico-cultural e física de teor educativo, que de

certo modo não utilizada e até mesmo esquecida. “Em 1997, a Dança foi incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e ganhou reconhecimento nacional como forma de conhecimento a ser trabalhado na escola” (Marques, 2007, p.15), ganhando assim, uma maior relevância nas atividades que envolvem a dança, não só no aspecto artístico como também no biomecânico/motor/fisiológico e sociopolítico, isso porque a dança não se restringe apenas ao mundo das danças clássicas, como por exemplo; o balé, as valsas, dança moderno (Eurritmia), e as danças de rua (Street Dance e Hip-Hop).

Ingenuamente a dança é associada a questões pré-conceituosas de gênero (que não será abordada no presente trabalho) que a muito resiste na óptica de muitos pais, aluno, e até mesmo de alguns professores. Para Marques (2007, p.20), “não são poucos os pais de alunos (gênero masculino), e os próprios alunos, que ainda consideram a dança ‘coisa de mulher’”. Ou ainda, “a ideia equivocada de que se trabalhar com o corpo artisticamente significa abrir os porões do inconsciente sem a menor possibilidade de domínio da consciência, ainda prevalece nas mentes de muitos pais e educadores” (MARQUES, 2007, p.21).

A essa visão deturpada de alguns pais, alunos, e educadores que não tem conhecimento prévio (no caso de pais e alunos) e aprofundado (no caso dos professores), do universo da dança, faz com que muitos alunos não a vivenciem, e assim, não experimentando novas possibilidades artísticas e/ou motoras, tanto na educação formal quando na informal.

É verdade que o Brasil é um país eclético, e que a dança entra em nossas vidas naturalmente, embaladas pela diversidade cultural que verdadeiramente é abrangente e que infelizmente ainda não tem tido o trato adequado no contexto escolar.

A dança é minimamente tratada como componente folclórico no interior das escolas, seja pela Educação Física ou pela Educação Artística/Arte Educação; raramente é valorizada por ter um conhecimento próprio e uma linguagem expressiva específica. Ela é reconhecida como atividade extra-escolar, extracurricular etc. (BRASILEIRO, 2003, p. 47).

Essa realidade persiste nas escolas públicas brasileiras, infelizmente quase não se ver professores de Educação Física trabalhando essa questão. Há situações que os Educadores Físicos não trabalham o conteúdo da dança por motivos meramente preconceituosos, ou por não terem afinidade com o conteúdo, ou por questões estruturais das unidades escolares.

O fato é, quando se trata da dança em escolas o nível de aceitação é imensamente negativo, e isso já cria um obstáculo nos professores, no tratante do “todo” da unidade escolar.

Mas, a esse universo criativo da dança como expressão corporal pode ser utilizada e dele extraído inúmeras possibilidades, e usar esse universo culturalmente agregado à inserção valores de cidadania e também conceitos anatômicos pode ser valioso no trato educacional.

Tanto o corpo quanto a dança ainda são cobertos por um mistério, um buraco negro que a grande população escolar ainda não conseguiu investigar, explorar, perceber, sentir, entender, criticar! Ou seja, embora não se aceite mais o preconceito em relação ao contato com o corpo e com a arte, as gerações que não tiveram dança na escola muitas vezes não conseguem entender o significado em contexto educacional (MARQUES, 2007, p. 21).

Segundo os PCNs (2001), a dança é uma forma de integração e expressão individual e coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. A dança é também uma fonte de comunicação e de criação informada nas culturas. Como atividade lúdica a dança permite a experimentação e a criação, no exercício da espontaneidade. Contribui para o desenvolvimento da criança no que se refere à consciência e à construção de sua imagem corporal, aspecto que são fundamentais para seu crescimento individual e sua consciência social.

Para o Coletivo de Autores (2009), considera-se a dança uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem. Pode ser considerada como linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da efetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra etc.

Tais pré-supostos fortalecem a importância da dança na formação humano-social do indivíduo, com clareza e objetividade é possível afirmar que a dança não é um contexto isolado de conhecimento técnico, é também um aglomerado de conhecimentos expressivos e corporais, cientificamente embasado e que pode ser um grande aliado no trato pedagógico no esférico escolar.

3. A EXPERIENCIA VIVIDA

No primeiro semestre do ano de 2009 os alunos/graduandos do curso de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, deram início às atividades curriculares direcionadas aos Estágios Supervisionados. Os mesmos tiveram a oportunidade de vivenciar as práticas educacionais e de conhecer as realidades que se encontra a educação nas escolas públicas (estaduais e municipais), nos clubes e em entidades filantrópicas da cidade de Campina Grande, descobrindo seus dilemas, suas dificuldades, e as estruturas físicas disponíveis nas mesmas.

Este momento é crucial na inserção do conhecimento do graduando, em âmbito acadêmico e posteriormente no campo profissional, “pois é nela, com ela e através dela que o aluno-estagiário passa a atribuir sentido consciente à sua ação e, com isso, torna-se capaz de transformar criticamente a realidade na qual está inserido” (RAMOS, 2002, p.15). Tornando-se capaz de adequar-se as possíveis realidades escolares existentes, e por meio delas produzir conhecimento de modo abrangente e crítico, pois o campo de trabalho é abrangente e muito diversificado tanto no social quanto no material. Tal fator tem grande relevância na aplicabilidade do conhecimento coletivo. Desta forma, os fundamentos teóricos e metodológicos que norteiam o curso de Educação Física são inseridos de “fato” e de “direito” na vivência pedagógica e prática dos graduandos nos Estágios Supervisionados.

Com base no pré-suposto é que os mesmos são distribuídos em diversas escolas e entidades filantrópicas da cidade de Campina Grande, para que possam ser preparados adequadamente. Assim, tendo a oportunidade de vivenciar os dizeres metodológicos evidenciados através das práticas educativas, todos os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Neste período de 2009, os alunos já distribuídos (em equipes formadas por cinco componentes) em suas unidades cedentes dos Estágios Supervisionados (que para este trabalho, a unidade provedora de Estágio foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, situada no bairro de Bodocongó), partiram para uma nova fase de aprendizado, ao qual exigia um programa de ensino, objetivando ter um rendimento satisfatório do trabalho a ser aplicado, assim, surgindo à necessidade de um planejamento baseado na realidade dos escolares, pois são eles os principais beneficiários de toda a estratégia de ensino.

Com essa visão é que o Estágio Supervisionado apresenta momentos distintos, em que destacamos em primeiro momento a “observação/análise”. Neste referido momento, conhecemos a unidade de ensino como um “todo”, a clientela (alunado de nível fundamental e médio), a estrutura física, e a realidade socioeconômica, e cultural da mesma. O segundo momento, apresentou-se como o “planejamento pedagógico/plano de ensino”, onde através dele podemos traçar planos e metas a serem obtidas durante o ano letivo. Em terceiro momento partimos para a “ação”, esse sem dúvida foi o mais complexo e mais desgastante, uma fase de total dedicação, onde se é possível repassar conhecimentos, refletindo e aprendendo com os acertos e principalmente com os erros cometidos durante o processo de ensino aprendizagem.

Dentro deste contexto, um dos problemas encontrados na realidade dos escolares sem dúvida é o “estrutural” (o mais comum dentro das escolas de ensino público brasileiro), que na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, a priori não apresentou problemas de maior complexidade, mas, posteriormente, devido a questões climáticas (com a chegada do inverno) surgindo impossibilidades de uso. Apesar de ser uma escola consideravelmente grande o espaço estrutural não é bem aproveitado, apresentando muito desperdício de espaço, e mau aproveitamento dos espaços existentes. Em Educação Física, “tratando-se de esportes, pensamos em quadras sem buracos, com cobertura e demarcação de todas as modalidades esportivas. Essa, sem sombra de dúvidas, não é a realidade das escolas públicas estaduais” (BRASILEIRO, 2003, p.49). De maneira que, na unidade escolar há uma “quadra” totalmente fora de qualquer padrão, em uma área aberta que na verdade é um aproveitamento de espaço entre os prédios de salas de aulas, apresentando ainda o problema do barulho produzido pelos alunos que a utilizavam, conseqüentemente atrapalhando o andamento das aulas dentro dos prédios. Bem como, não havendo outro local para as práticas da Educação Física (jogos pré-desportivos/recreativo e esportes), sendo praticamente impossível a realização de atividades esportiva como futebol, ou atletismo, ou qualquer que seja a modalidade de maior proporção.

A área disponível apresentava piso precário e não recomendado para práticas desportivas, porém, único espaço físico favorável a alguma possibilidade de utilização, havia também uma área comum a todos, a qual apresentava impossibilidades para o uso das atividades de Educação Física, havia também uma sala de aula desativada e muito pequena,

que servia de depósito de carteiras quebradas que posteriormente seria utilizada como espaço para dança.

Outra questão que não contribuiu para o rendimento das turmas foi a grande diversidade do alunado em diferentes idades, não havendo uma faixa etária específica, além de um número de alunos muito grande por turmas, dificultando o domínio, o controle, e a aplicabilidade das aulas, e principalmente o descaso dos alunos para com a disciplina de Educação Física. Pois, ainda existindo fortemente a desvalorização por parte dos discentes, e impressionantemente vigorando a ideia maciça de que a Educação Física não reprova e que só serve para brincar, no que se refere a seu teor científico, esportivo e histórico não se tinha uma fundamentação prévia, e piorando ainda essa realidade a grande maioria conectada a internet por celulares fixados as redes sociais (MSN,ORKUT, onde formava-se grupos de alunos pra trocar e debater informações sobre as mesmas).

Em se tratando a supervisão dos alunos-Estagiários, houve uma participação assídua e contínua do orientador, o qual propunha e também cobrava ações concretas e objetivas no tratante aos problemas encontrados na realidade local, mesmo com tantas impossibilidades. Com tudo, deu-se início ao trabalho proposto, introduzindo atividades possíveis à realidade escolar, assim, os conceitos e práticas esportivos fazendo referência ao Handebol e ao Futsal, sempre pré-cedidos de jogos pré-desportivos (sempre presente em todo o processo de ensino-aprendizagem) relacionados aos mesmos e “escolhidos de forma a garantir uma intensidade máxima de participação e de prazer” (MELHEM, 2004, p.37).

Para que os alunos pudessem aprender conceitos dos esportes implicitamente através das ações concretas dos jogos propostos. Pois, “o jogo é uma categoria maior, uma metáfora da vida, uma simulação lúdica da realidade, que se manifesta, se concretiza, quando as pessoas praticam esportes, quando lutam, quando fazem ginástica, ou quando as crianças brincam” (FREIRE e SCAGLIA, 2009, p.31).

A questão dos jogos pré-desportivos/recreativos diretamente ligada aos conceitos de esporte foi traçada especificamente para se ter um maior envolvimento dos alunos entre si e com os professores, contudo, havia uma resistência por parte dos alunos a prática das aulas de Educação Física. A princípio, acreditava-se que seguir os preceitos do desenvolvimento motor por faixa etária seria o mais indicado, pois se tratava de alunos do nono (9º) ano do ensino fundamental II, teoricamente,

“O aperfeiçoamento em habilidades específicas e a aprendizagem de habilidades mais complexas devem ser buscados no 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, quando também pode iniciar-se um trabalho voltado para a aptidão física, entendida como o desenvolvimento global e equilibrado das capacidades físicas (resistência aeróbica, resistência muscular localizada e flexibilidade)” (BETTI E ZULIANI, 2002, p.76).

Seriam alunos na fase da adolescência, e deste modo esperava-se encontrar alunos já iniciados em uma abordagem pedagógica mais específica (técnica e tática) dos conteúdos. Também havia turmas de alunos do primeiro (1º) ano do ensino médio, fase em que normalmente os escolares buscam novos interesses. Segundo Betti e Zuliani (2002), “O Ensino Médio merece atenção especial”, pois, é nesta fase do desenvolvimento humano que sugerem novas ideias e novos conceitos de mundo.

Os adolescentes adquirem uma visão mais crítica, e já não atribuem à Educação Física tanto crédito. A atividade física, central em suas vidas até 12 ou 13 anos, cede espaço para outros núcleos de interesse (sexualidade, trabalho, vestibular, etc.) (BETTI E ZULIANI, 2002, p.76).

As turmas por serem mistas, apresentavam certo grau de complexidade sendo possível identificar o mínimo de interesse por parte dos alunos em participar das aulas. Houve então a necessidade de impor regras as quais não tivemos progressos, daí por diante introduzimos a utilização dos jogos pré-desportivo-recreativos objetivando a interação dos diferentes grupos de alunos, que posteriormente passaram a participação voluntária. Mesmo com o progresso das aulas, curiosamente surgiu uma questão de gênero. Notou-se uma exclusão também voluntária na participação dos alunos de sexo feminino (não necessariamente todo o público, mas, grande parte dele), uma recusa muito grande na interação e nas práticas dos jogos, até mesmo nos fundamentos dos esportes, alegando não gostar de esportes e/ou jogos.

Baseado no inesperado acontecimento é que surge à possibilidade de inserção de uma nova opção de Atividade Física, e que, por estratégia, proporciona-se uma forma de lazer coletivo. A dança é inserida na realidade escolar colocada como nova modalidade de aula de Educação Física, sendo tratada com os rigores e objetivos elaborados para as demais atividades propostas no plano de ensino, já em andamento, essa nova proposta apresentou boa aceitação (por alunos de ambos os sexos), curiosamente com maior número de interessados que nos esportes e jogos. Assim surgem as aulas de “dança na escola”, e com ela o problema do local adequado para sua execução. “No que se refere à questão estrutural, quando pensamos em dança, automaticamente, imaginamos uma sala ampla, com piso liso e espelhos

por todos os lados, e acompanhada de um som de qualidade” (BRASILEIRO, 2003, p. 48). Porém não é essa realidade disposta, a solução do problema surge com a desocupação da sala de aula anteriormente usada como depósito de cadeiras e carteiras danificadas, nela não havia espelhos e/ou estrutura adequada para tanto, o aparelho sonoro de baixíssima qualidade, porém muito bem utilizável, assim tornando possível trabalhar a dança em seu contexto escolar.

No contexto geral local, tanto para os jogos e esportes como também para a dança foi elaborado um controle semelhante, aos utilizados por outras disciplinas, no tocante a frequência e avaliação, porém com uma particularidade, os alunos optavam por qual modalidade seguir, fazendo aulas de dança, ou jogos e esportes (Handebol e Futsal). Além dos conteúdos de cunho expressivo da dança e suas formas, também havia o teórico, cobrado nas avaliações escritas aplicadas também nas atividades de esportes e jogos.

Deste modo, todo o trabalho executado direciona-se para outra vertente que prioriza não só as habilidades táticas e/ou técnicas, mas também, a uma visão de mundo em que o educando possa desenvolver os preceitos do coletivo.

Na Educação Física, o desenvolvimento do indivíduo num meio ambiente humano – portanto, cultural e social – deve ser o objetivo principal, independentemente de qualquer divisão que se tente fazer de seu conteúdo em área de conhecimento. É preciso valorizar a tarefa coletiva; para isso, em se tratando de Educação Física, possuímos diversos recursos, dentre eles o privilégio de poder contar com os jogos, visto neste trabalho, como simulações da vida social, microuniversos de uma sociedade em crisálida (FREIRE e SCAGLIA, 2009, p.31).

Tanto nos jogos pré-desportivos/recreativos, quanto nos esportes e na dança os conteúdos abordados mantinham gradatividade, para que pudéssemos ter um diagnóstico de quão andava o desenvolvimento intelectual e físico do aluno, que com o decorrer do ano letivo passou a apresentar nível satisfatório de conhecimento e de interação no meio social, desenvolvendo novos comportamentos e posturas mais respeitáveis perante professores e alunos, em ambos os sexos.

Na dança foi possível observar que os alunos apresentavam mais liberdade, mais confiança em si mesmo e uma ótima abordagem interativa com o próximo. Nos esportes um crescimento no número de alunos que se portavam menos agressivos e com mais civilidade, tendo um crescimento e fortalecimento no trato mútuo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho é de discutir sobre a vivência no Estágio Supervisionado em Educação Física, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, situada no bairro de Bodocongó, da cidade de Campina Grande/PB, nas modalidades de ensino fundamental II e médio, considerando os aspectos relacionados ao cotidiano e planejamento escolar.

Após o cumprimento das 400hs obrigatórias das atividades de Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura Plena em Educação Física, da Universidade Estadual da Paraíba, conclui-se que a “obrigatoriedade” de tal atividade curricular, não se trata apenas de um cumprimento da carga horária, e sim um complemento enriquecedor que em hipótese alguma deve ser tido apenas como uma disciplina da grade curricular do curso, pois, a vivência no mesmo, proporciona situações e experiências de grande potencial, sendo possível o surgimento de infinitas possibilidades no campo da Educação Física vinculadas ao processo de ensino aprendizagem.

É perceptível também, que esse componente acadêmico apresenta uma realidade impactante no que se referem aos preceitos literários norteadores da Educação Física em âmbito escolar, e a realidade nas quais acontecem os Estágios Supervisionados. Pois, a questão estrutural e social não é compatível com a realidade, a qual deve ser o ideal para a realização de um trabalho educacional transformador.

Também dentro do contexto formador de professor, ainda temos uma desvalorização do profissional de Educação Física, infelizmente, visto como um mero professor recreador. É notória também, uma ausência de compromisso com os preceitos metodológicos científicos por parte dos alunos e até mesmo dos próprios profissionais da Educação Física, deixando transparecer sutilmente que a Educação Física é vista como forma de lazer na hora do intervalo, ou seja, em dias de aulas de Educação Física os escolares a veem como “um momento de liberdade e descompromisso”. Um descompromisso que persiste lado a lado com o descaso e o desrespeito para com o professor, que com o passar dos anos não se combate, apenas se mascara o problema, sendo um dos maiores dentro das escolas.

É bem verdade que a Educação Física não é uma disciplina escolar igual às outras, (que prende o alunado a uma carteira dentro da sala de aula, onde são inserindo conceitos, métodos e fórmulas de modo insistente, repetitivo e principalmente cansativo), mais isso não significa dizer que o fato de ser diferenciada não é motivo para fazer apenas um trabalho de

aparência, usando o entretenimento para satisfazer o alunado. Há muito trabalho em questão, talvez, até mais, que nas demais disciplinas. Contudo, é uma “matéria” que lamentavelmente é desvalorizada como conteúdo científico pedagógico dentro das escolas, tratada com descaso e desmerecimento, tanto pelos profissionais da educação quanto pelos próprios alunos, servindo apenas de conteúdo esportivo.

No tocante a atuação no campo de trabalho, conclui-se também que a intervenção pedagógica do professor de Educação Física é necessária no desenvolvimento escolar. Dentro dos pressupostos vivenciados, constata-se que os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, situada no bairro de Bodocongó, já encontram-se desestimulados das práticas de atividades físicas, e que é necessário ao professor ser mais criativo e ousado no tratante as modalidades utilizadas, investindo em novas formas de prender os alunos de forma voluntária as aulas de Educação Física, não se prendendo apenas a conteúdos futebolísticos. Abrindo os horizontes de seus alunos de forma crítica e enriquecedora.

5. REFERENCIAL

BARROS, José Maria de Camargo. Considerações sobre o estágio na formação do profissional de educação física. **Revista E.F.** Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL, LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Brasília: 2013

BRASIL, LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008. Brasília: 2013

BRASIL, Ministério da Educação, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**, Secretaria da Educação Fundamental. 3ª Ed. Brasília, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**, Secretaria da Educação Fundamental. 3ª Ed. Brasília, 2001.

BRASILEIRO, Livia Tenório. O Conteúdo “Dança” em Aulas de Educação Física: Temos o que ensinar?. (Artigo de Revista Digital) **Pensar a Prática** 6: 45-58, Jul./Jun. 2002-2003

BETTI, Mauro e ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: Uma Proposta de Diretrizes Pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Ano 1, Número 1, Bauru SP, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física**. 2ª Ed. Revista, São Paulo: Cortez 2009.

DARIDO, Suraya Cristina. Teoria, Prática E Reflexão Na Formação Profissional em Educação Física. V Simpósio Paulista De Educação Física. **Motriz** - Volume 1, Número 2, 124-128, Dezembro/1995

FARIAS JR., Alfredo Gomes de. **Introdução à Didática de Educação Física**. 1ª Ed. MEC, Brasília: Maio de 1969.

FREIRE, João Batista. e SCAGLIA, Alcides José. **A Educação Como Prática Corporal**. 1ª Ed. São Paulo: Scipione 2009.

GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria 2001.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez 2007.

MELHEM, Alfredo. **Brincando e Aprendendo Handebol**. 2ª Ed. Rio de Janeiro 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. O Estágio na Formação de Professoras: Unidade Entre Teoria e Prática?. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo n.94, p.58-73, agosto 1995.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

RAMOS, Glauco Nunes Souto. Estágio. **Revista E.F.** Rio de Janeiro, 2003.

RAMOS, Glauco Nunes Souto. **Preparação profissional em educação física: a questão dos Estágios** (tese de doutorado). UNICAMP, Campinas SP, 2002.